



## UMA INVESTIGAÇÃO DO COMPORTAMENTO DA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE COM A FORMA DO “FUTURO SIMPLES” VERSUS A “PERÍFRASE VERBAL IR + INFINITIVO E AS VARIEDADES “NÓS” E “A GENTE” EM GÊNEROS TEXTUAIS DO CONTÍNUO FALA-ESCRITA

**RESEARCHING THE PERFORMANCE OF THE EXPRESSION OF FUTURITY AS “SIMPLE FUTURE” VERSUS THE “VERBAL PERIPHRASES IR + INFINITIVE”, AND THE RANGES “NÓS” AND “A GENTE” IN CONTINUOUS SPEECH-WRITING TEXT GENRES**

Fátima Christina Calicchio (UEL)<sup>1</sup>  
[fatima.calicchio@hotmail.com](mailto:fatima.calicchio@hotmail.com)

**RESUMO:** Estudos sociolinguísticos têm evidenciado que no contexto escolar brasileiro o ensino pronominal e verbal prioriza os aspectos cunhados pela tradição gramatical, cuja realidade tem sido motivo de preocupação e de estudos de pesquisadores na área da linguística, especialmente, na área da sociolinguística, por apresentar um distanciamento da realidade linguística brasileira. Diante disso, este estudo objetiva apresentar uma investigação da variação nas formas de expressão da 1ª pessoa do plural e a variação para fazer referência ao futuro, as quais têm sido apresentadas em diversos estudos como VIEIRA (2019); (FARACO, 2008); MATOS E SILVA (2004), dentre outros. Para a investigação dos fenômenos variáveis sobre a variação pronominal “Nós” *versus* a forma “A gente” e a expressão de futuridade com a forma do “futuro simples” *versus* a “perífrase verbal ir + infinitivo”, seguindo aspectos propostos pela Sociolinguística Educacional, o *corpus* desta pesquisa constitui-se de diferentes gêneros textuais do contínuo fala-escrita proposto por Bortoni-Ricardo (2004). De base na análise dos fenômenos investigados, constatamos que a língua evidencia um conjunto de regras variáveis. Diante disso, esperamos contribuir para uma reflexão sobre o ensino de língua portuguesa, como fenômeno gramatical, pautado nos pressupostos da Sociolinguística Educacional, colaborando, dessa forma, para que a língua seja cada vez mais considerada pelos falantes como um meio de interação social e cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Norma padrão; Regras variáveis; Sociolinguística Educacional.

**ABSTRACT:** Sociolinguistics studies have showed that in the Brazilian school context the pronominal and verbal teaching education prioritizes the aspects pointed out by the grammar tradition, in which the reality has been a matter of concern and studies by researchers in the linguistics field, especially, in the sociolinguistics field, by presenting a distance from the Brazilian linguistic reality. Based on that, this study aims to present an investigation of the ranges of expression in the first-person plural and the variation to reference to the future tense, which has been shown in many studies, such as Vieira (2019), Faraco (2008), Matos e Silva (2004), among others. For investigating the variable phenomena on the pronominal variation “Nós” *versus* “A gente”, and the expression of futurity as the “simple future” *versus* the “verbal periphrases IR + infinitive”, following the proposed aspects by Educational Linguistics, the *corpus* of this research is constituted of different text genres of the continuous speech-writing proposed by Bortoni-Ricardo (2004). On the basis analysis of the investigated phenomena, we ascertained that a language demonstrates a set of variable rules. Therefore, we expect to contribute towards a reflection on the Portuguese language teaching,

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina; Integrante do grupo de pesquisa VALEM (Variação Linguística e Norma).



as a grammatical phenomenon, guided by the Educational Sociolinguistics postulates, collaborating, in this way, to the language to be increasingly seen by the speakers as a mean of social and cultural interaction.

**KEYWORDS:** Standard Language; Variable Rules; Educational Sociolinguistics.

## 1 Introdução

Na língua portuguesa brasileira, bem como nas demais línguas, os indivíduos possuem variadas formas de dizerem a mesma coisa e, por essa razão, de forma geral, observa-se a possibilidade de realizações da língua, seguindo padrões estabelecidos pela norma padrão ou realizações que revelam uma variedade linguística, uma vez que os falantes de uma comunidade linguística não falam da mesma forma, evidenciando que, na língua, existem diferenças de pronúncia, de vocabulário e de gramáticas, conforme argumenta (ALKMIN 2012, p. 23), pois: “Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe variações”. E, essa heterogeneidade linguística, tem sido apresentada em diversos estudos no sentido de evidenciar a necessidade de flexibilização da norma padrão, a exemplo de trabalhos como Faraco (2002), de Vieira (2019), dentre outros, como a adequação da norma em função dos usos linguísticos praticados pelos falantes e o ensino de língua pautado pela tradição normativo-prescritiva, que se distanciam da realidade linguística praticada pelos falantes (MATOS E SILVA, 2004), ou seja, mantêm-se, até hoje, no contexto escolar brasileiro o ensino da gramática desconsiderando o uso efetivo da língua.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo é investigar o comportamento dos fenômenos linguísticos “Nós” e “A gente” e a expressão de futuridade com o “futuro simples” e a “perífrase verbal ir + infinitivo” em gêneros textuais do contínuo fala-escrita. Os objetivos específicos centram-se em: 1) mostrar o comportamento dos fenômenos investigados; 2) apresentar uma possível contribuição para o entendimento das especificidades da sintaxe do português culto brasileiro. Para isso, faremos uma pesquisa de natureza bibliográfica, de base na Sociolinguística variacionista, com enfoque na Pedagogia da variação linguística, seguindo visões teóricas de autores que têm trabalhado



nessa perspectiva como (BORTONI-RICARDO, 2004); (FARACO, 2008); (MATOS E SILVA, 2004); (VIEIRA, 2019).

### **2 Pressupostos teóricos - o pronome nós e a expressão de futuro: o que diz a visão normativa?**

Para que seja possível o entendimento de nosso objeto de estudo, o qual assenta-se na investigação do comportamento das formas variáveis pronominais “Nós” versus “A gente” e a expressão de futuridade com a forma do “Futuro simples” versus a “Perífrase verbal ir + infinito”, apresentaremos um breve estudo sobre esses fenômenos do ponto de vista normativo.

Tradicionalmente, o pronome é considerado o elemento que substitui o nome, o substantivo. Essa definição está veiculada à etimologia da palavra “pronome”, do latim “pronomen” (FERREIRA, 2010, p. 616), que significa “em lugar do nome” e faz referência somente ao seu caráter semântico. De fato, em muitas circunstâncias, os pronomes atuam como substantivos, substituindo, portanto, nomes e exercendo função anafórica, no entanto, em termos sintáticos, os pronomes são utilizados também para indicar e/ ou para apontar (função dêitica), conforme explica Bechara (2009, p. 162). Os pronomes pessoais, por exemplo, ganham significado em função da relação estabelecida com as duas pessoas do discurso: o falante e o ouvinte. O que distingue o pronome dos nomes em geral são noções morfológicas: Assim, pode-se situar a referência do pronome no âmbito do falante (primeira pessoa), no do ouvinte (segunda pessoa) ou fora da alçada dos dois interlocutores (terceira pessoa). Na língua portuguesa brasileira, o falante pode indicar que está associando a si outra ou outras pessoas (primeira pessoa do plural) como defende a gramática tradicional.

A respeito dos pronomes pessoais, Bechara (2009, p. 164) esclarece que “os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso[...]”, ou seja, para esse gramático existe apenas a primeira pessoa (a que fala) e a segunda pessoa (o ouvinte), a terceira pessoa, para esse gramático é a não-pessoa. Essas pessoas constituem os pronomes que desempenham o papel das denominadas pessoas do discurso, tanto para



singular, quanto nas formas do plural. Bechara, considera que são duas as categorias que dividem os pronomes como pessoais do caso reto e pessoais do caso oblíquo. As primeiras referem-se às formas eu, tu, ele, nós, vós e eles, responsáveis pelas indicações das 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas, respectivamente.

Sobre a função de referenciar a 1<sup>a</sup> pessoa do plural NEVES (2000, p. 459) compreende que “os pronomes plurais de primeira pessoa como “Nós” representam a soma de primeira pessoa com a segunda”, como em: “Depois nós conversamos”. A gramática de Mesquita (2014, p. 292) reconhece as três pessoas do discurso, como quem fala, quem ouve e um assunto que se desenvolve. Assim, ele apresenta a forma “nós” para a 1<sup>a</sup> pessoa do plural, contudo esclarece que o pronome “Nós” pode ser representado pela forma “A gente” na linguagem coloquial do português brasileiro.

Em sua gramática, Mauro Ferreira (2002, p. 114) considera as três pessoas gramaticais como a que fala (1<sup>a</sup> pessoa), com quem se fala (2<sup>a</sup> pessoa) e a respeito de quem se fala (3<sup>a</sup> pessoa) e reconhece apenas a forma “Nós” para referir-se à 1<sup>a</sup> pessoa do plural. Entretanto, Cereja (2013, p. 145) em sua gramática, embora presente, também, as três pessoas gramaticais como: quem fala para referir-se à 1<sup>a</sup> pessoa, com quem se fala para referir-se à 2<sup>a</sup> pessoa e de quem ou com quem se fala para referir-se à 3<sup>a</sup> pessoa, considera a forma “A gente” ao lado da forma tradicional “Nós” para referir-se à 1<sup>a</sup> pessoa do plural. Na gramática de Cunha e Cintra (2007, p. 296), observamos que esses gramáticos consideram que os pronomes cumprem funções correspondentes às exercidas pelos nomes. Quanto à classificação, na apresentação do quadro pronominal, sobre os pronomes pessoais, esses gramáticos, reconhecem a forma “Nós” para referência à 1<sup>a</sup> pessoa do plural. Em uma seção a parte, Cunha e Cintra consideram o emprego da forma “A gente”, substituindo “Nós”, esclarecendo que o verbo deve estar na 3<sup>a</sup> pessoa do singular.

Como vemos, exceto as gramáticas de Cereja (2013); Mesquita (2014) e Cunha e Cintra (2007) os demais autores privilegiam a forma “Nós” com referência à 1<sup>a</sup> pessoa do plural. Isso significa que a tradição gramatical, ainda, se mantém como ponto de partida para o estudo do sistema pronominal do português brasileiro e, embora, considerem a forma “A gente” não a registra no quadro pronominal do português



brasileiro. Feitas essas considerações sobre os pronomes os pronomes pessoais, passaremos, agora, ao estudo sobre a expressão de futuridade para a visão normativa.

A tradição gramatical e o ensino escolar, no quadro dos verbos quanto às categorias verbais, consideram que a categoria do tempo verbal diz respeito aos tempos presente, pretérito e futuro. A esse respeito Bechara (2009, p. 220) considera que o tempo presente faz referência a fatos que se passam ao momento em que se fala, como “eu *canto*”. O tempo pretérito, diz respeito a fatos anteriores ao momento em que se fala, como “eu *cantei*” para o perfeito, “eu *cantava*” para o imperfeito e “eu *cantara*” para o mais-que- perfeito.

Sobre a expressão de futuro simples como em: “eu *cantarei*” “é de que interessa a este estudo, visto que essa forma concorre com a variável estruturada pela “perífrase verbal ir + infinitivo”, como “eu vou cantar.” Acerca da categoria do tempo futuro, esse autor registra que faz referência a fatos ainda não realizados e subclassificam-se em futuro do presente, como “eu *cantarei*” e futuro do pretérito como em: “eu *cantaria*.”

Em sua gramática escolar, Mesquita (2014, p. 325) registra que a categoria do tempo futuro se subdivide em futuro do presente, o qual indica um fato que se realizará, posteriormente, ao momento da fala, como em: “amanhã *estudarei* mais” e futuro de pretérito, cuja forma faz referência a um fato no futuro em relação a outro já ocorrido como em: “ontem eu disse que hoje *estudaria* mais.” Na gramática escolar de Cereja (2013, p. 165) identificamos uma consideração semelhante à de Bechara e Mesquita, uma vez que essa gramática apresenta que o verbo em sua categoria quanto ao tempo se subdivide em presente, passado e futuro. Quanto ao futuro, um dos objetos de estudo desta pesquisa, esses autores propõem que se subdivide em futuro do presente, fazendo referência a uma ação que ocorrerá no futuro em relação ao tempo atual, como em: “Eu *irei* à praia nas férias de verão” e do pretérito, que expressa uma ideia que indica que uma ação ocorreria desde que determinada condição fosse atendida, como em: “Eu *iria* à praia se tivesse em férias”.

Referente à expressão de futuridade em sua gramática, Mauro Ferreira (2002, p. 138), considera as flexões tradicionais para a expressão do futuro simples, como futuro do presente, que, para esse autor representa fatos que se realizam após o momento da fala,



como em: “Ninguém *comentará* esse assunto.”; para o futuro do pretérito, Mauro Ferreira propõe que diz respeito a um fato futuro, porém, relativo a um outro no passado, como em: “ Você garantiu que os documentos *viriam* hoje. ”

Diferentemente dos demais autores, Mauro Ferreira (2002, p.139) apresenta uma classificação extralinguística, ao considerar que, dependendo do contexto, a noção de futuro pode ser realizada por formas verbais no presente como: “ No próximo domingo eu *viajo* para o interior ”, cuja forma equivale à: eu *viajarei* amanhã, possibilitando-nos, ainda, esta forma com a “perífrase verbal ir + infinitivo: “No próximo domingo vou viajar para o interior”. Temos que as gramáticas tradicionais não consideram outras formas para a formação de futuro simples. Nesse sentido, podemos entender que a tradição gramatical e gramáticas escolares, embora possam considerar outras possibilidades de formas para a formação da expressão de futuridade não as colocam no quadro das classificações dessa categoria, limitando-se a exemplos de ocorrências da forma na linguagem coloquial. Como o objeto de estudo deste trabalho recai sobre a variabilidade linguística, necessário se faz, pois, falarmos sobre as noções de norma padrão e norma culta.

### 1.2 Norma padrão ou Norma culta?

No contexto atual do ensino de língua portuguesa, por mais que os estudos linguísticos tenham avançado, ainda está muito presente nas práticas didáticas, atividades com abordagens que privilegiam o ensino de uma variação linguística em detrimento de outras. Isso quer dizer que existe no contexto escolar uma concepção de língua e de gramática como se a língua fosse homogênea. A esse respeito Bagno argumenta que:

As pessoas que vivem em sociedades com uma longa tradição escrita, com uma história literária de muitos séculos e um sistema educacional organizado se acostumaram a ter uma ideia de língua muito influenciada por todas essas instituições. Para elas só merece o nome de língua um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que foram cuidadosamente selecionadas para compor [...]a norma padrão [...] (BAGNO, 2007, p.35)



Em conformidade com a visão de Bagno (2007), o autor Faraco (2002), explica que a norma padrão refere-se à língua com suas regras de organização fonético-fonológicas, de organização sintático e ideológica, ou seja, é a norma que dita as regras sobre o que se pode e não se pode dizer na língua, é uma referência gramatical que não considera o uso efetivo da língua. Já a norma culta para o professor Faraco, compreende a norma falada por uma comunidade letrada, cujo “falar” se aproxima da norma padrão, já que ela não constitui uma língua de fato. Para ilustrar a norma culta, observe o enunciado a seguir: “ COVID-19: O que a *gente* está fazendo para lidar com esse assunto? ” (Disponível em: <<https://www.santander.com.br/>>. Acesso em: 16 junho, 2020. (Grifo nosso)

Todo falante que tenha o mínimo de conhecimento sobre a gramática padrão sabe que a concordância que acontece como no enunciado do banco Santander acima, com o verbo na terceira pessoa do singular (está) representado pelo sujeito “a gente” variação de (nós) é condenado pela “norma”, como pertencente a um falar de comunidades ignorantes, ou seja, há uma avaliação negativa, é errado, contudo está sendo veiculado pela página de uma agência bancária, cujo público é constituído, também, de pessoas cultas. Dessa forma, o tipo de construção como essa do anúncio, embora, ainda seja considerado de linguagem coloquial, é aceito, desde que a concordância seja feita na 3ª pessoa do singular (NEVES, 2015), atestando, como explica Faraco que “a norma culta está também em contato com as demais normas sociais.

Faraco (2002), ainda argumenta que, muito embora as diferenças entre norma padrão e norma culta sejam inconfundíveis, a cultura letrada está mais próxima da norma, uma vez que “defensores” da norma estão situados nos estratos sociais da norma culta. Por essa razão, o autor defende que não tem cabimento continuar separando o padrão da norma culta, no sentido de flexibilizar as referências padronizadoras, isto é, considerar a diversidade linguística no ensino da língua portuguesa brasileira.

## 2. A Sociolinguística e os Contínuos de fala-escrita e monitoração estilística

A Sociolinguística é um ramo da linguística que estuda a língua em seu uso real, considerando as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e cultural de sua

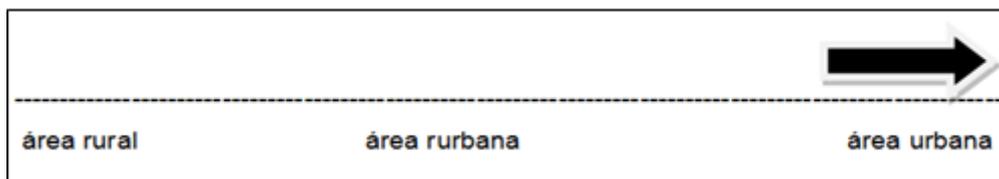


realização. Nesse sentido, para essa linha de pesquisa, a língua é uma entidade social e, portanto, não pode ser estudada como um sistema autônomo, independente do contexto comunicativo, da cultura e da história dos sujeitos falantes que a utilizam para as interações em sociedade, uma vez que “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”, segundo (ALKMIM 2012, p. 23). Por essa dimensão, podemos compreender que a Sociolinguística tem como princípio de que a variação e a mudança linguística são naturais de toda e qualquer língua, por essa razão, devem ser consideradas nas análises e ensino sobre o vernáculo. A esse respeito, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa destinados ao terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental propõem uma organização para o tratamento da variação linguística:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades [...] (BRASIL, 1998 p. 29).

Pelo exposto em Brasil (1998), no contexto de ensino da língua portuguesa brasileira, há de se considerar a diversidade linguística em razão de influência de natureza social, cultural, política, dentre outros fatores, assim, entendemos que, para a Sociolinguística a língua tem um caráter heterogêneo. E, em consonância à heterogeneidade linguística, a fim de evidenciar um tratamento mais adequado quanto ao ensino de regras variáveis, há de se falar nos estudos da sociolinguista variacionista de Bortoni-Ricardo (2004), cuja educadora e pesquisadora propõe, para a explicação sobre a dinâmica da variação linguística, que seja imaginado três contínuos, os quais ela denomina de: 1) contínuo de urbanização; 2) contínuo de oralidade-letramento e 3) contínuo de monitoração estilística, conforme discutiremos a seguir:

**Figura 1** – Contínuo de urbanização

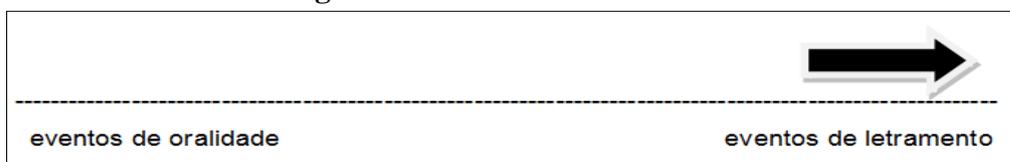


Fonte: adaptada de Bortoni-Ricardo (2004, p. 52)

Bortoni-Ricardo (2004) explica que o contínuo de urbanização pode ser representado pelos falares rurais, urbanos e rurbandos. Estes recebem influência dos falares das áreas rurais e urbanas, como a manutenção do repertório linguístico do falar rural, como a pronúncia, a não marcação de plural, por exemplo. Essas recebem influência de agências padronizadoras de letramento como a imprensa, obras literárias, sobretudo, a escola. Aquelas, como ficam muito isolados em razão do espaço geográfico, há a falta dos meios de comunicação. A autora destaca que seria possível situar qualquer falante brasileiro nesses contínuos, ao se considerar a região onde nasceu e vive esse falante.

Quanto ao contínuo de oralidade-letramento, a professora Bortoni explica que compreendem como eventos de comunicação, subdivididos em evento de letramento, mediado pela escrita e evento de oralidade, mediado pela fala, contudo nesses eventos não existem fronteiras bem marcadas para separá-los, já que eles são bem fluídos e se sobrepõem, argumenta a autora.

**Figura 2** – Contínuo de oralidade-letramento

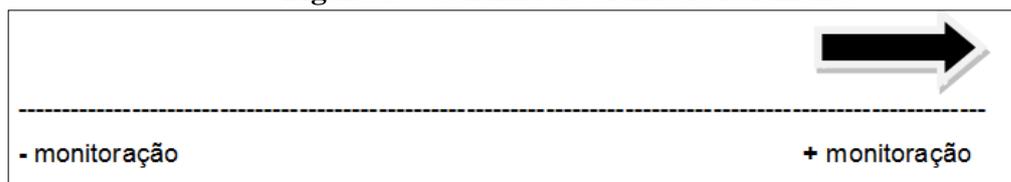


Fonte: adaptada de Bortoni-Ricardo (2004, p.62).

E, para entendermos esse contínuo, poderíamos pensar em uma apresentação de um telejornal, por exemplo, em que a fala do (a) apresentador (a) é previamente escrita para, depois, ser falada. Assim, temos um evento falado, contudo mediado pela escrita.

E, por fim, o evento de monitoração estilística, que, segundo Bortoni-Ricardo (2004), corresponde às interações mais espontâneas e às que são previamente planejadas, como mostra a Figura 3:

**Figura 3** – Contínuo de oralidade-letramento



Fonte: adaptada de Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

Nesse sentido, podemos evidenciar que a autora propõe interações com + monitoração (essas exigem muita atenção e planejamento) e interações com - monitoração (essas são realizadas com atenção mínima à forma da língua. E, essas interações mais ou menos monitoradas, estão condicionadas ao contexto, ao interlocutor e ao tópico de conversa. Dessa forma, esse contínuo de monitoração estilística cumpre a função de oferecer uma pista ao interlocutor sobre o tom do discurso/conversa, como “isso é uma brincadeira”, ou “estou falando sério”, por exemplo, isto é, essa monitoração funciona como uma espécie de moldura, assim, pode-se entender que, esse contínuo, serve como um guia que direcionará os interlocutores sobre a natureza do evento se se trata de uma “declaração de amor”, de “uma queixa”, de “um xingamento”, de “uma explicação”, dentre outros.

Ressaltamos que, para atingirmos os objetivos desta pesquisa, o qual centra-se na investigação do comportamento de Regras variáveis nos gêneros textuais, os quais têm uma tipologia de base da natureza dissertativa e narrativa, daremos enfoque aos contínuos da fala-escrita e ao contínuo de monitoração estilística proposto por Bortoni-Ricardo, ao consideramos as condições sociointeracionais desses gêneros textuais, que serão discutidos na próxima seção.



### 3. Gêneros textuais e a linguagem

Nos estudos sobre a linguística textual é consenso que o texto constitui a unidade básica para o ensino de Língua Portuguesa. A esse respeito documentos parametrizadores como os PCNs para o ensino de Língua portuguesa, defendem que é necessário contemplar em sala de aula, a diversidade de gêneros textuais que circulam em sociedade, já que esse enfoque contribui para a formação de usuários competentes da língua, em razão de essas entidades linguísticas, mobilizarem as diferentes situações comunicativas em que se utilizam os gêneros textuais como instrumento de interação social (BRASIL, 1998).

Em consonância com a heterogeneidade nos gêneros textuais, Vieira (2019, p 254), por meio de um de seus projetos, esclarece-que é recomendável que “atividades didáticas priorizem em tarefas de leitura e produção textual, o contato intenso com textos de diferentes gêneros, em que as formas alternantes são naturalmente empregadas[...]”, isso significa que o contato com gêneros textuais variados possibilitam aos estudantes um contato com regras variáveis, a qual é o objeto de estudo desta pesquisa. Como podemos observar, essa visão sobre os gêneros textuais também considera a língua como heterogênea, já que toda comunicação mediada por textos se dá pela via da língua. Para Bakhtin (1992 p. 275), os gêneros do discurso<sup>2</sup> são *tipos relativamente estáveis* de enunciados elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua. Isso implica em entender que os gêneros textuais são flexíveis e o falante da língua pode valer-se dos gêneros que já circula, socialmente, modificá-los ou até mesmo criar novos gêneros com base nos já existentes em sociedade.

Sobre essa flexibilidade dos gêneros textuais, podemos falar do gênero textual *Anúncio publicitário*, o qual é caracterizado pela tipologia textual de base dissertativa, porque é realizado intencionalmente por um indivíduo com a finalidade de persuadir o seu interlocutor, que, segundo Travaglia (1991), tem por finalidade incitar à realização de uma situação, requerendo-a, desejando-a, ensinando ou não como realizá-la. Esse gênero textual é veiculado em jornais, revistas, folhetos, mala direta, *outdoor*, internet, entre outros. Isso

---

<sup>2</sup> Neste estudo, as noções de gêneros do discurso e gêneros textuais são tomadas de forma intercambiável.



significa dizer que o produtor do gênero textual *Anúncio publicitário* é regido pela sua intenção comunicativa, a fim de atingir determinado público-alvo e, para isso, ele faz a utilização de formas variáveis para alcançar seu objetivo comunicativo, como o de convencer os usuários das Instituições bancárias, sejam tradicionais ou digitais na escolha de um produto ou serviço.

Por essa visão, podemos entender que o gênero textual *Telejornal* pode ser entendido como um texto pelo qual divulga-se um fato ou acontecimento. Por ser um gênero voltado para a comunicação, de veiculação pública, ele atinge a todas as camadas da população, ao trazer informações e contribuir para a formação de opinião, assim, é um gênero textual que pertence a ordem do expor, já que se refere à apresentação e construção de diferentes formas do saber.

Ao consideramos que há diversos públicos que assistem os *telejornais*, cada linha editorial maneja o uso da linguagem de acordo com aquilo que acredita que chamará mais a atenção de seu público-alvo, selecionando, assim, suas escolhas linguísticas, visando estabelecer uma relação de maior proximidade com o seu interlocutor.

Sobre o gênero textual *Tirinha* é estruturado com uma sequência linear, ou seja, com começo, meio e fim bem definidos, além de assemelham-se ao dia a dia de seus interlocutores. Dessa forma, a tipologia textual de base é a narrativa, já que a narração é caracterizada por relatar fatos, acontecimentos imaginários ou não, sustentada, por um processo de intriga com início, meio e fim, conforme Bronckart (1999). Destacamos que esse gênero textual é bastante lido pelo público em geral, ou seja, ele destina-se ao público infanto-juvenil e adulto. Em razão disso, há, nesses textos, uma adequação da linguagem.

Acerca da adequação da linguagem desses gêneros supramencionados, é confirmada por Marcuschi (2008), o qual esclarece que os gêneros textuais são infinitos, pois inúmeras são as situações de comunicação que requerem seu uso. Esse autor destaca que a opção por um ou outro gênero textual está intrinsecamente ligada à intenção e a situação comunicativa em que o usuário está situado no momento da interação. Nesse sentido, entendemos que os diferentes enunciados<sup>3</sup>, sejam orais, sejam escritos, produzidos pelos falantes da língua constituem os gêneros textuais, como o telefonema, uma palestra,

---

<sup>3</sup> Ato de dizer algo, a alguém em uma dada situação de comunicação.



piada, bate-papo, romance, crônica, Tirinha, um Telejornal, um Anúncio publicitário; artigo de opinião, e-mail, dentre outros, os quais Bakhtin (1992, p. 302) explica que “[...] a diversidade desses gêneros deve-se ao fato de eles variarem” conforme as circunstâncias, a posição social, o relacionamento pessoal entre os parceiros.

Pelo exposto, podemos compreender que o ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais permite ao estudante dominar progressivamente um número cada vez maior de recursos linguísticos, como o ensino-aprendizagem das regras variáveis. Com isso, ele terá condições de adaptar o texto a ser produzido, especialmente, sua linguagem ao contexto comunicativo em que está inserido.

#### 4. Procedimentos metodológicos

Para a investigação dos fenômenos variáveis sobre a expressão de futuridade com a forma do “futuro simples” *versus* a “perífrase verbal ir + infinitivo” e a variação pronominal “Nós” *versus* a forma “A gente”, seguindo aspectos propostos pela sociolinguística educacional, o *corpus* desta pesquisa constitui-se de diferentes gêneros textuais do contínuo fala-escrita proposto por Bortoni-Ricardo (2004), quais sejam: selecionamos *Anúncios publicitários* de agências bancários, de bancos convencionais e digitais do ano 2020; No gênero textual *telejornal* escolhemos o Jornal Nacional, assim, foi feita a transcrição da fala dos apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos, no mês de junho, especificamente, entre os dias 18/06 a 30/06/2020; No gênero textual *tira*, elegemos a Tirinha de Garfield, de Jim Davis, da qual foram selecionados os dados de duas edições da coleção L & PM POCKET, com aproximadamente cento e trinta páginas cada, para procedermos com o levantamento e análise dos dados.

#### 5. Análise dos dados e interpretação dos resultados

Nesta seção, apresentamos a análise e interpretação dos dados retirados dos gêneros textuais do contínuo fala-escrita, dos quais procederemos com a exposição dos

dados, seguidos dos resultados. Dessa forma, primeiramente, apresentaremos as regras variáveis das formas pronominais “Nós” *versus* “A gente” e, posteriormente, apresentaremos os resultados das regras variáveis referentes à expressão de futuridade com as formas do “futuro simples” *versus* a “perífrase verbal ir + infinitivo”. A tabela 1, a seguir, evidencia a distribuição dos fenômenos “Nós” e “A gente” nos gêneros textuais que serviram de base para a realização da investigação.

Tabela 1 - Distribuição de dados dos fenômenos “Nós” e “A gente” em gêneros textuais.

Gênero textual	Realização pronominal Nós versus A gente		
	Nós	A gente	Total
<i>Anúncio publicitário</i>	2	8	10
<i>Jornal Nacional</i>	13	8	21
<i>Tirinha</i>	3	5	8

Fonte: autora

A tabela 1 apresenta a distribuição dos fenômenos “Nós” e “A gente” nos gêneros textuais analisados. Assim, podemos observar que no gênero textual *Anúncio publicitário* de um total de 10 realizações do pronome de 1ª pessoa do plural, 8 ocorrências são da forma “A gente” contra 2 ocorrências para a forma “Nós”. A respeito da realização dos fenômenos investigados com a forma “Nós” para a indicação da 1ª pessoa do plural, no *Anúncio publicitário* das agências bancárias, observamos apenas duas ocorrências (grifos nossos), representada por esta amostra:

- (1) “Aqui você seleciona o serviço de que precisa e *nós* te indicamos os canais remotos para ser atendido.” (Caixa)

O gênero textual *Anúncio publicitário* possui uma base tipológica que se situa na ordem do dissertar, cujo gênero possibilita que o produtor do texto incite alguém a fazer algo, exigindo do produtor uma adequação da linguagem, a fim de atingir sua intenção



comunicativa e, para tanto, ele faz a utilização de formas variáveis a exemplo das 8 ocorrências da forma “A gente” para alcançar seu objetivo comunicativo, como o de convencer os usuários das Instituições bancárias, sejam tradicionais ou digitais na escolha de um produto ou serviço, conforme ilustra este exemplo:

- (2) “Você escolhe como começar, pelo site ou pelo App BB. E *a gente* tá aqui para ajudar desde o início.”

No gênero textual *Jornal Nacional* de um total de 21 realizações referentes à 1ª pessoa, 13 são da forma “Nós” e 8 da forma “A gente”. Nesse gênero textual, *Telejornal*, do qual elegemos o *Jornal Nacional* como objeto de análise, sobre a realização da forma “A gente” recortamos este fenômeno, com grifos nossos:

- (3) “ O JN já lembrou que as vidas perdidas não podem ser vistas só como números... *E a gente* repete, mais uma vez, respira! Vai passar... *A gente* repete também 50.000 não são um número, são pessoas”. (William Bonner sobre o aumento de casos de mortes por Covid-19, 20/06/20)

Ainda, no gênero textual *Telejornal*, o *Jornal Nacional*, sobre a indicação de 1ª pessoal do plural com a forma “Nós” apresentamos esta amostra, com grifos nossos:

- (4) “Outra correção: agora a pouco na reportagem sobre o secretário especial da cultura, *nós* mostramos por engano, uma imagem de Dante Mantovani. Pedimos desculpas. (William Bonner, 20/06/2020)

Com base no número maior de ocorrências para a forma de prestígio social-Nós-, isso implica em compreender que ao consideramos que há diversos públicos que assistem os *telejornais*, o uso da linguagem pode ser realizado de acordo com aquilo que os locutores (apresentadores) acreditam que chamará mais a atenção de seu público-alvo, selecionando, assim, variantes linguísticas, com vistas a estabelecer uma relação de maior proximidade com os seus interlocutores. No gênero textual *Tirinha*, de um total de 9 realizações para referir-se à 1ª pessoa, 6 são da forma “A gente” e 3 da forma “Nós”. Com relação ao gênero textual *Tirinha* sobre as indicações de 1ª pessoa do plural com os



fenômenos investigados, vejamos a, seguir, uma amostra com a forma “A gente”, com grifos nossos:

- (5) “Os gatos podem se acostumar com a coleira se a gente insistir bastante. ” (DAVIS, Jim. Garfield Fenomenal,2018, p.36)

A Realização do fenômeno para referir-se à 1ª do plural com a forma “Nós”, ainda, na *Tirinha*, com grifos nossos, vejamos esta amostra:

- (6) “*Nós* não podemos perder tempo. É um novo ano. Amigo! Um novo começo. ” (DAVIS, Jim. Garfield Fenomenal,2018, p. 123)

Consoante à situação de interação, como a do gênero textual *tirinha* de Garfield, destacamos a preferência do enunciador pela forma variante “A gente” e, essa realização, se justifica por se tratar de um gênero textual que é, frequentemente, lido pelo público em geral, requerendo uma adequação da linguagem ao contexto de uso.

A seguir, a tabela 2, mostra-nos a distribuição dos fenômenos sobre a indicação de futuro.

Tabela 2 - Distribuição de dados de “Futuro simples” versus a “Perífrase ir + infinitivo” em gêneros textuais.

Gênero textual	Realização de “futuro simples” versus perífrase “ir” + infinitivo		
	futuro simples	perífrase “ir” + infinitivo	Total
<i>Anúncio publicitário</i>	7	1	8
<i>Jornal Nacional</i>	1	10	11
<i>Tirinha</i>	3	11	14

Fonte: autora



Conforme ilustra a tabela 2, no gênero textual *Anúncio Publicitário* de um total de 8 indicações de futuro 7 são para a forma com o “Futuro simples” e, 1, apenas, para a forma com a “Perífrase verbal ir + infinitivo.” Dito isso, de início, apresentaremos a indicação de futuridade com a forma do “futuro simples” no *Anúncio Publicitário*, destacamos que os grifos são nossos:

(7) “Você *acessará* um ambiente seguro, com o certificado de segurança Entrust.” (Santander)

Ainda, no gênero *Anúncio publicitário* sobre a realização de expressão de futuridade com a “Perífrase verbal ir + infinitivo”, encontramos: (grifos nossos)

(8) “*Vai viajar?* Contrate um seguro agora mesmo!” (Banco do Brasil)

Consoante ao contexto de interação do gênero textual *Anúncio publicitário*, o qual é regido pelas intenções comunicativas do produtor do texto, esse fator, estabelecerá se a linguagem será mais monitorada, ou não, justificando-se a preferência desse gênero textual pela forma mais prestigiada com o futuro simples, uma vez que o enunciador está “vendendo” investimentos de bilhões, taxas e segurança para o seu público-alvo na ocasião de contratações de um determinado produto/serviço. Nesse sentido, o produtor do texto faz uso da norma com mais prestígio social, uma vez que o seu público-alvo é constituído por pessoas que se situam nos polos mais letrados, caracterizando, mais uma vez, a necessidade de adequação da linguagem, visando persuadir o interlocutor.

Acerca do *Jornal Nacional*, a tabela 2 evidencia-nos que, de um total de 11 indicações de futuro, apenas 1 forma é para o “futuro simples” e 10 para a “Perífrase verbal ir + infinitivo”. No *Telejornal*, referente à indicação de futuridade com a forma do “Futuro simples”, encontramos apenas um exemplo:

(9) “A globo *continuará* a transmitir regularmente os jogos dos campeonatos de acordo com os contatos celebrados.” (William Bonner, 18/06/2020)



Em relação à indicação de futuridade com a “Perífrase verbal ir + infinitivo” no *Jornal Nacional*, vejamos esta amostra, com grifos nossos:

- (10) “A Seccional de São Paul da OAB declarou que depois da conclusão das investigações, o tribunal de ética da entidade *vai avaliar* uma eventual falta de ética do advogado Frederick Wassef [...]” (Renata Vasconcellos, 18/072020)

Coforme as condições sociointeracionais do gênero textual *Telejornal*, o *Jornal Nacional*, ao consideramos que esse veículo de comunicação tem um público-alvo de pessoas que se situam tantos nos polos rurais, rurbanos e urbanos, chama-nos a atenção a preferência pela forma variante com a “perífrase verbal ir + infinitivo”, conforme (9) ilustra. Acreditamos que essa preferência se justifica pelo fato de o *Jornal Nacional* tentar estabelecer mais proximidade com os seus interlocutores, contudo quando a intenção é mostrar a prestação de serviços do *telejornal* com o público, os apresentadores fazem uso da norma padrão como ilustrou o exemplo (10).

No gênero textual *Tirinha*, de um total de 14 indicações de futuridade, 3 são da forma com o “Futuro simples” e 11 para a forma com a “Perífrase verbal ir + infinitivo”. Nesse gênero textual, para a indicação de futuridade com o “Futuro simples”, localizamos três ocorrências, representadas por esta amostra:

- (11) “Assim que vestir o paletó, *estarei* pronto para ir ao veterinário, Garfield. (DAVIS, Jim. *Garfield numa boa*, 2012, p. 42)

Sobre a indicação de futuridade com a “Perífrase verbal ir + infinitivo” no gênero textual *Tirinha*, encontramos três ocorrências, representada por esta amostra:

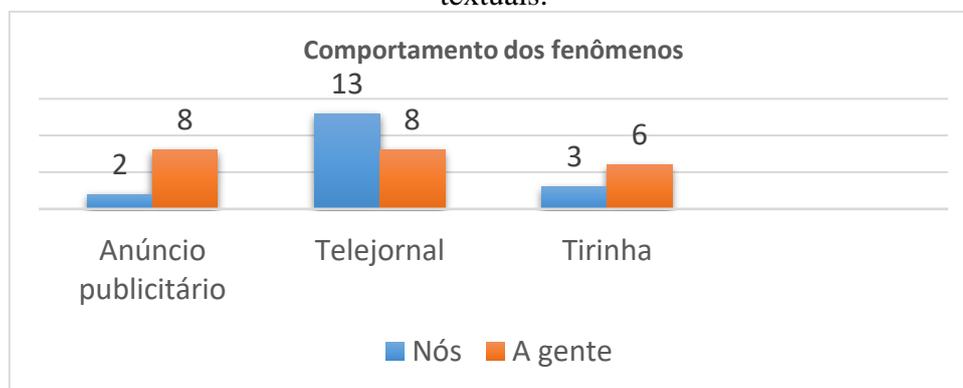
- (12) “Uau” Mal posso acreditar que *vou fazer* dezesseis anos. Para onde o tempo foi? (DAVIS, Jim. *Garfield numa boa*, 2012, p. 42)

A *tirinha* de Garfield, em suas condições sociointeracionais, apresenta uma adequação da linguagem ao contexto de uso. E essa condição sociointerativa do texto,

explica-nos a preferência pela forma variante, como expõem o exemplo (12), uma vez que as produções desse gênero se destinam tanto ao público infanto-juvenil, quanto adultos; pessoas mais letradas, ou não, requerendo uma adequação da linguagem ao seu público-alvo.

Conforme o contínuo fala-escrita e situações de monitoração estilística dos gêneros textuais analisados, algumas considerações merecem destaque. Para isso, vejamos os dados do gráfico 1, o qual apresenta o comportamento dos fenômenos “Nós” versus “A gente” em gêneros textuais:

**Gráfico 1** –Comportamento dos fenômenos “Nós” versus “A gente” em gêneros textuais.



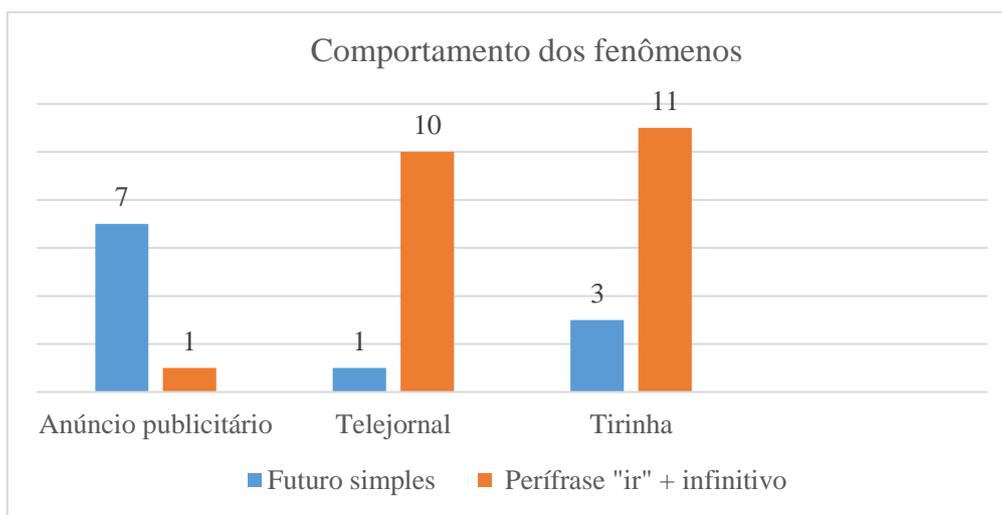
Fonte: autora

É importante destacar que esses gêneros textuais são de circulação pública voltados para pessoas cultas, contudo com a análise dos dados verificou-se, na totalidade, que há uma preferência pela realização do pronome “A gente”, mesmo em situações mediadas pela escrita, tomemos como exemplo as 8 ocorrências contra 2 formas “Nós” no *Anúncio publicitário* e 6 com a forma “A gente” contra 2 formas do emprego de “Nós” na *Tirinha de Garfield*.

No *Jornal Nacional*, embora a preferência seja pelo pronome “Nós” com 13 realizações, há uma alternância com a forma “A gente”, com 8 ocorrências. Portanto, esse pronome está, também, com significativa frequência em instâncias mediadas pela escrita, a exemplo do *Telejornal Nacional*.

A seguir, vejamos o comportamento dos fenômenos para a indicação de futuridade, conforme ilustra o gráfico 2:

**Gráfico 2** - Comportamento dos fenômenos com o “futuro simples” versus “perífrase verbal ir + infinitivo” em gêneros textuais.



Fonte: autora

As análises dos dados revelam que somente o gênero textual *Anúncio Publicitário*, evidencia uma preferência pela norma de prestígio com 7 ocorrências para o “Futuro simples” e 1 para a forma com a “Perífrase verbal ir + infinitivo”. E, nos demais gêneros textuais, como o *Jornal Nacional*, revelam uma preferência pela “Perífrase verbal ir + infinitivo” contra 1 ocorrência com o “Futuro simples”. De igual maneira, ocorreu na *Tirinha*, com 11 ocorrências para a “Perífrase ir + infinitivo” e 3, apenas, para o “futuro simples”.

Conforme ilustram os gráficos 1 e 2 pela interpretação dos dados, de um total de 73 realizações dos fenômenos investigados 44 ou 60,27% correspondem à forma variante e 29 ou 39,73 % referem-se à norma padrão. Isso implica em entender que, na totalidade, existe uma preferência pela forma variante até mesmo em gêneros textuais mais monitorados.

Ao considerarmos os gêneros textuais dentro dos contínuos da fala-escrita e de monitoração estilística propostos por Bortoni-Ricardo (2004), os resultados referentes aos



dois fenômenos investigados permitem-nos atestar um comportamento variável da chamada norma culta.

## Conclusão

Conforme interpretação dos dados, de um total de 73 realizações dos fenômenos investigados 44 ou 60,27% correspondem à forma variante e 29 ou 39,73 % referem-se à norma padrão. Isso implica em entender que, na totalidade, existe uma preferência pela forma variante até mesmo em gêneros textuais mais monitorados. Portanto, ao considerarmos os gêneros textuais dentro dos contínuos da fala-escrita e de monitoração estilística propostos por Bortoni-Ricardo (2004), os resultados referentes aos dois fenômenos investigados permitem-nos atestar um comportamento variável da chamada norma culta.

Diante do exposto, constatamos que a língua evidencia um conjunto de regras variáveis. Nesse sentido, podemos, pois, concordar com Faraco (2002) e Vieira (2019), visto que é legítima as propostas desses estudiosos sobre a consideração de uma norma plural para o ensino dos fenômenos variáveis. Isso implica em considerar que há a necessidade da flexibilização da norma padrão, uma vez que ela não se encontra no uso concreto da língua, isto é, ela não encontra adaptação/ flexibilização nos contextos sociocomunicativos, corroborando com propostas que defendem que não faz sentido continuar tomando como base um único modelo de regras gramaticais para o ensino da língua portuguesa, evidenciando que existe uma variação no comportamento dos fenômenos investigados, nos gêneros textuais que nos deram suporte para este estudo.

## Referências

- ALKMIN, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 21-47.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



BAKHTIN, M. & VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRONCKART, Jean, Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um iteracionismo sociodiscursivo**. Trad. De Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: Educ., 1999.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva**. São Paulo: Atual, 2013.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira – Desembaraçando alguns nós**. In: *Linguística da Norma* - Marcos Bagno [org]. São Paulo, Edições Loyola, 2002. p. 37-61.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O português são dois: variação, mudança, norma e a questão do ensino de português. In: **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 128-151.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português no português do Brasil**. 1991. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1991.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; "*Para Uma Norma-Padrão Flexível no Contexto Escolar: Contribuições dos Estudos Sociolinguísticos*", p. 243 -264. In: **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2019.

---

Recebido em: 16/07/2021 | Aprovado em: 23/09/2021.

---